

<http://dx.doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-7>

**ALFREDO MARIA ADRIANO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY  
E SEUS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE MATO GROSSO:  
Entre a civilização e o sertão**

Ana Paula Squinello\*  
Jérri Roberto Marin\*\*

**RESUMO:** Apresentamos neste artigo as múltiplas representações produzidas por Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) acerca de Mato Grosso e suas populações, bem como buscamos compreender os processos das suas elaborações. Como engenheiro militar, participou de duas campanhas durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando registrou os principais acontecimentos do conflito. As experiências acumuladas e as reflexões que realizou como viajante, narrador e expedicionário geraram uma vasta bibliografia, na qual registrou suas impressões acerca do cotidiano, sobre a fauna, a flora, a ocupação da região, a população e a cultura mato-grossense. Vale ressaltar que no ano de 2018 a obra *A Retirada da Laguna* completa 150 anos da primeira edição. Sendo assim, consideramos relevante revisitar os escritos de Taunay e suas representações sobre os outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfredo d'Escragnolle Taunay. Representações. Mato Grosso.

**ABSTRACT:** The article analyzes the multiple representations produced by Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay (Viscount of Taunay) about Mato Grosso and their populations and understand the processes of their elaborations. As military engineer, he participated in two of the Paraguay War campaigns (1864-1870), when it recorded the main events of the conflict. The accumulated experience and reflections made as traveler, narrator and expeditionary have generated a vast bibliography where he registered your impressions about he daily life, of the flora, fauna, people and and the Mato Grosso culture. It is worth mentioning that in the year of 2018 the book *A Retirada da Laguna* complete 150 years of its first edition. Therefore, we consider relevant revisiting Taunay's writings and his representations about others.

**KEYWORDS:** Alfredo d'Escragnolle Taunay. Representations. Mato Grosso.

## Introdução

Neste artigo, analisamos as múltiplas representações<sup>65</sup> criadas por Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay sobre Mato Grosso. Como engenheiro militar, participou de

\* Professora Associada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – *Campus* de Aquidauana. Doutora em História Social pela USP; pós-doutoranda na Universidade do Minho; coordenadora do Laboratório de Ensino de História (LEH) e do Grupo de Pesquisa “Historiografia e Ensino de História” (HEH).

\*\* Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Professor da Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); pós-doutor pela Università Degli Studi di Roma “La Sapienza”.

<sup>65</sup> Representação provém, etimologicamente, da forma latina *repraesentare*, que significa fazer presente, apresentar de novo e fazer presente alguém, sugerindo, dessa forma, ver algo ausente (referente), explícito e não presente e, ao mesmo tempo, apresentar uma presença. Ou seja, o que temos não é a realidade contida no texto, mas as representações dos fatos, pois nenhum texto traduz a realidade e a apreende em sua totalidade. Tomamos por referência o conceito de Chartier (1990, 1991), que compreende que as representações são construções que os grupos fazem sobre suas práticas e essas não são possíveis de serem percebidas em sua

duas campanhas durante a Guerra do Paraguai (1864-1867). Suas experiências em Mato Grosso e as anotações do diário de campanha, que faziam parte das obrigações profissionais, geraram uma extensa e diversificada produção que foi publicada entre os séculos XIX e XX.

Os viajantes nacionais e estrangeiros (naturalistas, religiosos, militares, políticos), que percorreram o território mato-grossense no século XIX, depararam-se com inúmeras facetas. Essas foram pensadas, vivenciadas e construídas a partir de um imaginário ligado ao “outro” e ao “desconhecido”. Eram austríacos, alemães, franceses, italianos, brasileiros, entre outros, que legaram, a partir de suas visões de mundo, suas impressões sobre a fauna, a flora, o espaço geográfico, as intempéries e a população mato-grossense. Essas representações eram ambivalentes entre o éden, sobretudo pela exuberância da natureza, e a barbárie, por ser um lugar longínquo, desconhecido e habitado por indígenas. Mato Grosso associava-se ao espaço da desordem, da anomia, do caos, do vazio, do desconhecido, espaço ainda não ocupado pelo Estado, e que necessitava de uma urgente ação civilizatória e catequética. Essas representações variavam de acordo com as situações às quais o narrador estava submetido. A natureza podia ser representada como idílica e edênica e, ao mesmo tempo, como selvagem, hostil, indômita e desconhecida, e os habitantes procuravam conquistá-la e administrá-la em sua exuberância e rudeza, conforme narrado por Taunay e apresentadas ao longo dessa reflexão.

Os viajantes perceberam, primeiro, as diferenças, tão estranhas e distintas a eles, e as primeiras impressões foram de assombro diante delas. Segundo Galetti (2000, p. 165-170), a província de Mato Grosso era representada como uma *fronteira-sertão*, ou seja, como outro espaço geográfico, simbólico e social do território brasileiro. Seria um local ermo, periférico dos centros do poder, bruto, problemático, misterioso, violento, despovoado, selvagem, povoado por populações indígenas e desconhecido. Lugar de atraso técnico, comportamentos antigos, natureza virgem e indomável. O sertão era um “mundão” abandonado, formado por terras que não se acabavam. Ou seja, as representações sobre Mato Grosso aproximavam-se daquelas ideias veiculadas na Europa sobre as regiões desconhecidas e isoladas e de clima tropical. Os discursos sobre o homem valorizavam as características biológicas para diferenciar um grupo do outro. Eram marcas simbólicas que demarcavam também diferenças étnicas e culturais.

Sabemos que esse isolamento geográfico de Mato Grosso nunca foi absoluto, pois a região não estava totalmente excluída do circuito global, das transações econômicas, das redes de comunicações e dos deslocamentos de bens, pessoas e dinheiro desde o início da sua ocupação. Tal isolamento era rompido, por exemplo, pelas estradas e pela navegação a vapor, que promoviam redes de sociabilidade, de comércio e comunicação, conforme estudado por Brazil (2014).

Os olhares sobre Mato Grosso também possibilitam perceber as representações que eram criadas acerca de si, para si e para os outros. A subjetividade cultural e os conflitos, constantemente negociados, foram retratados nessas representações. Segundo Pollak (1992, p. 204), “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”.

Para Galetti (2000, p. 32), tanto:

[...] estrangeiros, brasileiros e mato-grossenses enxergaram Mato Grosso pela mesma matriz das concepções ocidentalistas de *progresso e civilização* e pelas mesmas lentes das teorias evolucionistas e raciais que dominaram os horizontes ideológicos e culturais entre fins do século XIX e inícios do XX. Mas, há também uma diferença de fundo entre estes três olhares, produto das relações distintas que mantinham com o seu objeto de observação.

---

integridade plena, pois existem enquanto representações (no sentido de que há uma organização e uma historicização de evidências).

Assim, visto pela ótica dos viajantes estrangeiros, Mato Grosso era concebido como uma *região* ainda próxima da barbárie: abundante em recursos naturais, seu imenso território encontrava-se quase *vazio*, dominado por indígenas e por uma população mestiça, indolente e sem espírito empreendedor, razão pela qual seu progresso só seria possível com a introdução de imigrantes e capitais europeus (grifos da autora).

Já os brasileiros olharam Mato Grosso de forma paradoxal:

[...] este espaço e suas populações pela ótica da Nação, mas tendo como referência o modelo europeu, os brasileiros elaboraram imagens ambíguas acerca de Mato Grosso: valorizado negativamente em razão das distâncias geográficas, históricas e culturais que o separavam do mundo e do Brasil civilizado, também o era positivamente como *sertão* e *fronteira* da pátria, noções fundamentais para a própria ideia de nacionalidade brasileira no período em foco. A fronteira porque delimita o espaço do Outro, o estrangeiro, e o sertão porque, embora identificado como lugar do atraso e da barbárie no território da Nação era percebido, simultaneamente, como *locus* de sua verdadeira identidade cultural. (GALETTI, 2000, p. 32, grifo da autora).

Em relação aos mato-grossenses, Galetti (2000, p. 33) apontou que, “compartilhando desta visão ambígua sobre a *terra natal*, manifestaram um profundo mal-estar cultural face a uma identidade estigmatizada pela barbárie”. Assim,

[...] em seus múltiplos e ambivalentes sentidos, as noções de sertão e fronteira forneceram os elementos-chave com os quais viajantes estrangeiros e brasileiros do *litoral* produziram a caracterização da *região mato-grossense* como *confins* do mundo *civilizado* e da nação brasileira, do mesmo modo como subsidiaram os esforços dos mato-grossenses no sentido de alterar esta definição de sua identidade. (GALETTI, 2000, p. 33, grifos da autora).

Nesse sentido, as representações que circularam acerca do antigo Mato Grosso estão afinadas com as discussões e teorias científicas desenvolvidas na Europa a partir da segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Segundo Elias (1994, p. 62-64), a noção de civilização expressava a consciência que o Ocidente tinha de si mesmo, sobretudo a superioridade da Europa em comparação com as sociedades mais antigas ou com as sociedades contemporâneas consideradas primitivas. Expressava também a *consciência nacional* de que o processo civilizador estaria concluído em suas sociedades, justificando o domínio cultural, as aspirações expansionistas e o colonialismo. Por fim, Elias (1994, p. 24) afirma que a noção de civilização não se referia apenas às grandes realizações e conquistas humanas, de cunho nacional ou ocidental, mas também às condutas ou aos comportamentos humanos, ou seja, “a qualidade social das pessoas, suas habitações, suas maneiras, sua fala, suas roupas”. As elites brasileiras adotaram o modelo de civilização ocidental e europeu e, ao mesmo tempo, reforçaram suas singularidades como *outro* geográfico e cultural. Em nível nacional, as diferentes regiões foram hierarquizadas e Mato Grosso, por exemplo, como lugar isolado, atrasado e bárbaro, precisava de intervenções para alavancar o processo civilizatório.

### **Os múltiplos olhares de Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay sobre Mato Grosso**

Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de fevereiro de 1843. Filho de Gabriela Hermíria de Robert d’Escragnolle e de Amado Félix Emílio de Taunay, que foi preceptor de D. Pedro II, entre outras atribuições. Nesse sentido, vale ressaltar que, desde cedo, conviveu no ambiente imperial. Medeiros (1997, p. 10-11) apontou

que seu avó paterno, “o pintor Nicolau Antônio Taunay (1755-1830), fora trazido da França com outros artistas pelo governo de D. João VI, para fundar, em 1816, a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro”. Assim como seu pai e avó paterno, Taunay estava ligado à família imperial.

Em relação aos seus estudos, foi aluno do Colégio Pedro II, da Escola Militar e, por último, estudante do curso de engenharia militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Nessa escola, foi promovido a segundo-tenente de artilharia e, quando a Guerra do Paraguai eclodiu na Bacia Platina, Taunay contava, apenas, com 21 anos. Apesar de sua pouca idade, incorporou-se ao exército brasileiro como engenheiro militar, fazendo parte da Coluna Expedicionária que, partindo de São Paulo, tinha como objetivo alcançar a fronteira com o Paraguai e expulsar as tropas guaranis do sul da província de Mato Grosso. De acordo com Doratioto (2002, p. 33), estudioso da Guerra do Paraguai:

O governo imperial decidiu-se por enviar uma coluna para Mato Grosso, tal como Caxias propusera, convocando 12 mil guardas nacionais de Goiás, Minas Gerais e São Paulo. No começo de abril [de 1865] começaram as tarefas para organizar a chamada Coluna Expedicionária de Mato Grosso. [...] A coluna tinha a designação oficial de Corpo Expedicionário em Operações no Sul de Mato Grosso, nome pomposo para uma força numericamente acanhada. (DORATIOTO, 2002, p. 120).

Cabe destacar que Taunay não apresentava vocação para a guerra, desejava em seus sonhos de jovem, quem sabe, ser médico; entretanto, a tradição familiar ligada às guerras europeias “obrigou-o” a partir para o teatro de operações. A carreira militar propiciava *status*, honra, refinamento cultural, capacidades técnicas e intelectuais, além de aventuras. Segundo Castrillon-Mendes (2008b, p. 222, 237), Taunay foi movido por várias razões para alistar-se: cumprimento do dever, busca de aventura e de conhecimento, prazer de ver gentes e cidades novas e, possivelmente, desejo de fama. Ou seja, suas incursões em Mato Grosso enquadram-se “numa atitude aristocrática de elevação do espírito, mais do que um simples compromisso militar”. Prevaleceu mais a tradição familiar do que a vontade própria. Tais considerações podem ser confirmadas em um trecho de sua obra *Memórias*, na qual confessou que

Todo o interior do Brasil se abria ante os nossos passos, nada mais, nada menos, e, certamente, a vastidão tem em si inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, *fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la* — sonhos enfim, de mocidade em que havia bastante de pedantismo. (MARETTI, 1996, p. 107, grifo nosso).

Taunay foi influenciado pelo evolucionismo, pelo naturalismo, pelos viajantes e pelas variadas expedições de cunho exploratório que percorreram o interior do Brasil durante todo o século XIX. Devido ao seu espírito inquietante e observador, também desejava “explorar” e “reconhecer” aquelas terras que se colocavam tão distantes de seu universo urbano, civilizado e imperial. Segundo Alambert (1999, p. 4),

A carreira militar era a única digna de um ‘homem superior’, sempre lhe foi dito. As armas moldavam o espírito defensor da Honra e da Pátria. O corpo do exército propiciava a educação técnica. A vida na corte desenvolvia o bom gosto, os bons modos, a sensibilidade para as artes e para a palavra. O resultado da combinação seria bom senso e força, o ideal do soldado ilustrado, o soldado do rei. Taunay representou perfeitamente esse papel, que simbolizava o tipo intelectual que mais se enquadrava no perfil imperial

brasileiro, para o qual a Guerra do Paraguai, e suas consequências, foi de especial importância. Foi um verdadeiro teste de convicções.

Embora Taunay tenha participado de duas fases da campanha da Guerra do Paraguai, pouco esteve presente nos combates propriamente ditos. Alambert traduz tal situação:

Note-se que o autor [Taunay] nunca se apresenta trabalhando. Ele não é nem mesmo o 'nobre-guerreiro'. Seu trabalho é o trabalho da razão que arrazoa, que balança, observa e registra. Sua posição, nesse sentido, tange à situação do homem do Império em sua acepção ideal mais bem realizada; não trabalha: estuda, observa com seu binóculo racional, escreve, corrige e anota os dilemas da moralidade, buscando colocá-los na balança dos trunfos que podem vir a construir a civilização brasileira. (ALAMBERT, 1999, p. 39).

A Coluna em que servia contava com o apoio de efetivos militares de Minas Gerais, São Paulo e Goiás e, durante os anos de 1865 e 1867, sobreviveu a uma longa marcha. De acordo com Medeiros (1997, p. 19), findada a Retirada da Laguna, foi escolhido para levar até o governo imperial no Rio de Janeiro notícias sobre o corpo expedicionário e todas as provações pelas quais passaram.

Entre 1867 e 1868, publicou algumas de suas obras, como, por exemplo, *Cenas de Viagem, A Retirada da Laguna* e o *Relatório Geral da Comissão de Engenheiros*, elaborado no percurso da campanha de Mato Grosso. Entretanto, em 1869, quando o Conde d'Eu, genro de D. Pedro II, assumiu o comando das forças brasileiras em operação no Paraguai, Taunay retornou ao teatro de operações como secretário do Conde d'Eu. Tendo retornado ao Rio de Janeiro em 1870, publicou a obra *Diário do Exército*, na qual descreveu a ocupação do Paraguai e a morte de Francisco Solano López.

Taunay não era somente um homem ligado às estruturas imperiais, como também as defendia arduamente. No Rio de Janeiro, por insistência de seu pai, começou a escrever a obra que viria imortalizar os grandes feitos a que esteve submetido o exército brasileiro: *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*.<sup>66</sup> A obra foi composta com lembranças e com as anotações do diário de campanha, que fazia parte das obrigações profissionais. Ou seja, o texto não foi produzido no "calor dos acontecimentos". Ao recompor suas lembranças, esteve sujeito às falhas a que o substrato da memória nos expõe, mas, ao mesmo tempo, o contexto propiciou que a remontasse de acordo com aquilo que queria preservar e registrar em sua obra.<sup>67</sup> Por outro lado, estava inserido em uma instituição militar, pertencia à elite política imperial e tinha como dever preservá-la. Por isso, procurou assegurar tanto a integridade do Império como a instituição à qual pertencia. De acordo com Certeau (2000, p. 66), faz-se importante reconhecer o "lugar social" de onde o pesquisador elabora sua obra e com qual intenção o faz. Taunay foi um homem que viveu a consolidação, a glória e a desestruturação do Império brasileiro e sua família sempre manteve estreitos laços com o Estado.

Para Castrillon-Mendes (2007, 2008a, 2009, 2013), as experiências em Mato Grosso foram importantes para a criação de um estilo próprio e para encaminhamentos do exercício artístico, transformando-o em um escritor que construiu uma expressão particularizada do Brasil, pois suas impressões foram apropriadas na construção da identidade nacional, por

<sup>66</sup> A primeira versão da obra *A Retirada da Laguna* data de 1868 e contém pouco mais de 50 páginas, sendo a versão integral datada de 1871. A primeira tradução para o português foi realizada, em 1874, por Salvador de Mendonça. Porém, foi a tradução de Ramiz Galvão, de 1915, a mais difundida. Cabe ressaltar que a obra foi traduzida para diversos idiomas e que, no Brasil, podemos averiguar inúmeras edições ao longo dos anos. Com a cristalização dessa obra, iniciou-se a construção épica da historiografia que aborda esse tema (SQUINELLO, 2015).

<sup>67</sup> A memória, segundo Jacques Le Goff (1990, p. 476), "é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia". Quanto à memória coletiva, a vê "como um instrumento e um objeto de poder".

exemplo, pelos Institutos: Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS).

Entende-se Taunay como um indivíduo dotado de algumas qualidades que lhe permitiram escrever e atuar em diferenciadas áreas. Apresenta-se como um exímio narrador, descritor, desenhista, conhecedor da história e da geografia mato-grossense, bem como exibe traços de uma personalidade detalhista, organizada e extremamente perfeccionista. Maretti (1996) apontou que, além das inúmeras obras produzidas pelo citado escritor, o mesmo realizou ainda traduções de livros de sua autoria e de livros e textos alheios. Apontou também que foram várias as edições e reedições de suas obras e que alguns de seus escritos foram adaptados ao cinema e ao teatro; é o caso, por exemplo, do romance *Inocência*. Essa obra foi a mais traduzida na Europa no século XIX – sendo três as traduções de que temos notícias (SANTOS, 2000, p. 15).

Sua maestria em desenhar legou-nos, ainda, uma vasta iconografia sobre Mato Grosso: são paisagens, aldeias, referenciais geográficos etc. Para Maretti (1996, p. 104-105):

A experiência adquirida na guerra contra o Paraguai é decisiva para a consideração do soldado-viajante como um narrador-viajante: tal condição é expressa nos inúmeros relatos de viagem, tanto os de caráter técnico-militar quanto aqueles em que o escritor exercita o seu virtuosismo descritivo, todos eles publicados durante e depois da guerra. A sequência narrativa segue linearmente a trajetória das viagens: os dias transcorrem um após o outro e as estradas, pontes e rios vão sendo enumerados a cada passo. Tal comportamento narrativo obedece a uma dupla imposição: a de corresponder às expectativas militares, de composição de relatórios técnicos minuciosos em que a catalogação de dados é o critério fundamental, e aquela ditada pela já tradicional perspectiva dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil e registraram passo a passo as suas impressões e observações.

A estudiosa dividiu as obras de Taunay acerca da Guerra do Paraguai em dois momentos: 1<sup>o</sup>) as obras produzidas durante a viagem de ida à Guerra do Paraguai, momento em que teve “tempo” para observar, escrever, analisar e registrar suas impressões, quer fossem com o olhar do “engenheiro militar”, quer do “expedicionário naturalista”; 2<sup>o</sup>) as obras produzidas após o seu retorno, quando recebeu a missão de levar notícias do ocorrido com a Coluna relacionadas à Retirada da Laguna para a corte imperial; a urgência da missão não lhe permitiu fazer anotações.

Suas vivências políticas lhe permitiram escrever sobre as *idades*, a *política* e a *sociedade imperial*, como também produziu *peças teatrais* que permitem compreender o universo da época imperial, seja rural, seja urbano. Das experiências nas duas fases da guerra, isto é, na Campanha de Mato Grosso e na Campanha da Cordilheira, produziu suas *narrativas de guerra*, como também grande parte de seus *relatos e descrições da natureza brasileira*; de sua convivência com várias etnias indígenas na Campanha de Mato Grosso, legou-nos preciosas informações sobre seus hábitos, costumes e vocabulários. Sua convivência com a alta sociedade permitiu-lhe ainda compor *biografias* de pessoas tidas “como ilustres” na época e, finalmente, com o intuito de legar à posteridade a “representação desejada” de sua existência, escreveu também suas *Memórias, Reminiscências e Autobiografia*. Taunay relatou ainda o processo de ocupação da região do baixo Paraguai (campos de Miranda, Piquiri, Vacaria e Nioaque) e registrou o cotidiano das propriedades, atividades econômicas, moradias, alimentação, entre outras. Enfim, ao mesmo tempo em que Mato Grosso mostrou variadas faces a Taunay, este construiu inúmeras representações acerca dessa província.

A credibilidade dos relatos de suas obras não era atribuída somente às anotações do seu diário de campo, aos argumentos e às interpretações, mas ao fato de ter estado lá, o que certificava, por escrito, o testemunho único das situações presenciadas e vividas. Seus textos

consagravam interpretações, representações, alteridades e interesses políticos, ao mesmo tempo em que sempre denunciavam a presença de Taunay como autor. Os objetos para onde dirigiu seu olhar foram alterados pelo modo como visualizou e representou a região e a guerra, pois o texto é o resultado das articulações de diferentes pontos de vista, de motivações, de recortes e de escolhas, tais como a valorização do Exército e da monarquia.

A vasta produção de Taunay, em especial as obras em que se dedicou a relatar a sua presença em solo mato-grossense, possibilita-nos compreender as dificuldades pelas quais passou o Corpo Expedicionário no sul de Mato Grosso e a conseqüente Retirada. Esse Corpo Expedicionário organizado pelo Governo Imperial, desde o início, enfrentou diferenciados problemas e esteve submetido a diversos comandos: primeiro, o Coronel Manuel Pedro Drago, seguido pelo Brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, pelo Coronel Carlos de Moraes Camisão e, finalmente, pelo Major José Thomaz Gonçalves.

A morosidade que marcou os primeiros meses da expedição e outros imprevistos e improvisações submeteram o efetivo do Corpo Expedicionário a situações adversas que foram registradas por Taunay em várias obras de sua autoria, como *Campanha de Mato Grosso – Scenas de Viagem, Dias de guerra e de sertão, A Retirada da Laguna e Cartas da campanha de Mato Grosso, 1865-1866*. O exército brasileiro não contava com uma estrutura material, em nível de armamentos, atendimento médico e religioso, abastecimento de alimentos, além de desconhecer a geografia da região, constituindo-se, assim, o conflito em uma sucessão de erros, improvisos e imprevistos, em que, na maioria das vezes, as decisões a serem tomadas eram pensadas, discutidas e ordenadas a metros de distância do teatro de operações. Os oficiais do alto comando militar possuíam conhecimento da carência estrutural que tomava a Coluna e nem por isso deixaram de efetivar a marcha.

Taunay também narrou, sempre com tristeza, todas as inquietações, os problemas e os enfrentamentos com os paraguaios. Suas narrativas reforçam seu horror e sua perplexidade diante da guerra, da situação desprivilegiada do Exército, da fuga das populações para locais de difícil acesso, da destruição das vilas, dos povoados e das propriedades rurais e da proliferação das doenças e epidemias. Os corpos espalhados pelos campos e pelas matas, sem serem sepultados, e a fumaça gerada pelos incêndios das edificações reforçavam as representações de terror e de abandono da região e construíam o *outro* paraguaio, representado como incivilizado, incrédulo, invasor impiedoso que usurpava o território brasileiro e um inimigo que devia ser derrotado. As descrições dos incêndios das propriedades, dos edifícios religiosos e das vilas, a interrupção das vias de comunicação e a fuga da população para áreas afastadas reforçavam o cenário de horror e a barbárie dos paraguaios. Taunay seduzia seus leitores ao representar os gritos das mulheres, o choro das crianças, o vozear dos índios, os desentendimentos diante das urgências e os medos que todos tinham das tropas paraguaias (TAUNAY, 1927, p. 63). Ressaltamos que tais representações eram construídas por Taunay a partir das suas vivências em terras mato-grossenses e, em especial, no episódio da Retirada da Laguna. Nesse sentido, o “Paraguai era o ‘outro’, o inferno da civilização que sonhávamos. Era necessário fugir dele e extirpar seu horror” (ALAMBERT, 1999, p. 8). Assim, Taunay criava inúmeras fronteiras em Mato Grosso:

A fronteira entre a civilização e a barbárie, entre o progresso e o atraso, entre a lucidez e a loucura, entre o sonho e o pesadelo, entre Natureza e Cultura, entre o branco e o mestiço, entre o mestiço e o índio, entre o litoral e o sertão, entre o Romantismo e o Realismo, entre o Império e a República. O sertão é uma vasta fronteira de significados obscuros que o bom senso do Visconde quer desvendar. (ALAMBERT, 1999, p. 11).

Na obra *A Retirada da Laguna*, Taunay assumiu o fracasso da Coluna, entretanto narrou o episódio de forma romântica, épica e honrosa. O que se constituiu em um fracasso para o exército brasileiro adquiriu, nas sucessivas páginas de sua obra, outra dimensão, qual seja, a do patriotismo, da glória, da honra, da defesa e da entrega pela pátria. O atento leitor

passará por suas páginas com o sentimento de que, por mais adversidades que a Coluna tenha enfrentado, acabou por derrotar os paraguaios, alcançou Nioaque e cumpriu seu dever junto à pátria. Forjavam-se, dessa forma, heróis nacionais, datas a serem comemoradas e uma história patriótica repleta de feitos grandiosos.

Os *relatos e descrições da natureza brasileira* apresentam alguns elementos peculiares, quais sejam: a) relacionam-se mais aos aspectos ligados à natureza do que aos episódios que enfrentou na Campanha de Mato Grosso; b) apresentam caráter *descritivo* e *narrativo*; e c) descrevem com riqueza de detalhes as flores, os frutos, os rios, a mata, a paisagem, os animais e os acidentes geográficos.

Em sua obra *Campanha de Matto Grosso – Scenas de Viagem*, Taunay registrou diferenciadas impressões acerca dos aspectos relacionados ao relevo e à vegetação numa missão militar de reconhecimento na região dos Morros (Aquidauana/ Miranda). Dessa experiência, narrou:

Diante de nós abriam-se os campos além, com cerrados ao longe; á nossa direita, havia um matosinho com olhos d'água, e, á esquerda, levantava-se uma serrania elevada, cujos cabeços mais proximos reflectiam ao sol, grandes quebradas vermelho-rubras, confundindo-se os mais afastados, n'uma linha continua, com o azul do céu.

A serra de *Maracajú* percorre a direcção constante media de N.N.E. a S.S.O., desde perto do piquiry até as ramificações na republica do Paraguay e na provincia do Paraná [...].

Sua estrutura geologica é de grés argiloso, compacto em certos pontos; tendo soffrido a acção de aguas, manifestadas, em muitos lugares, pelas extensas linhas paralelas, como já o haviamos observado na serra da cabelleira em Goyaz, e em outros setores, do caminho de Coxim [...].

A serra de Maracajú não foi, de certo, resultado de erupção, mas sim de levantamento, devido a algum terremoto, das camadas da região que a cerca, e que apresenta os mesmos typos geologicos.

A vegetação acompanha as dobras e declives da serra até o topo: só os pedaços de desagregação acham-se desnudados. (TAUNAY, 1923a, p. 47).

Por essa descrição, nota-se que sua formação de engenheiro-militar, aliada ao seu olhar atento de observador, possibilitaram que registrasse com riquezas de detalhes os aspectos geológicos e da vegetação da Serra de Maracajú.

Em outra obra, intitulada *Memórias*, o autor registrou seu “encanto aliado a perplexidade e espanto” com a variedade de animais com que se deparou em terras mato-grossenses:

Pelas dimensões, chama logo as vistas o *surubi*, também denominado *surubim* e em Mato Grosso mais comumente *pintado*, por causa das malhas esbranquiçadas em fundo escuro. Peixe de pele, às vêzes com malhas irregulares pelo corpo, algumas formando como que losangos, tem cabeça chata, grande, barbas ou apendículos à maneira do bagre, olhos pequenos metidos em concavidades. A carne pouco espinhenta, é em extremo saborosa, sobretudo nos exemplares pequenos ou de tamanho regular, nos maiores, oleosa e bastante forte. Aliás, o *surubim* é bem conhecido, pois existe em muitos rios do Brasil e não raro se o pesca na Paraíba, Rio de Janeiro.

Cresce extraordinariamente, pelo menos a variedade ou espécie que se encontra em Mato Grosso, e chega, então no dizer de muitos, a atacar o homem. Por isto, o confundem com o *jaú*, cuja bôca enorme se escancara como a do jacaré. (TAUNAY, 2004, p. 212).

Taunay (2004, p. 212) narrou o medo que sentia ao atravessar os rios, povoados por seres monstruosos e perigosos:

[...] essas duas monstruosidades, o *jaú* e o *jacaré* se associam sempre no meu espírito com horror, pois, na passagem do rio Aquidauana que eu e o Lago acabávamos de atravessar a nado, poucos minutos depois de um camarada nosso, chamado Ciríaco, foi arrebatado à nossa vista por um desses dois medonhos entes. 'É um jaú!' bradaram aterrados os tropeiros, enquanto as águas no golfão que de súbito formaram, se tingiam de sangue do mísero. [...] À noite eu me via cercado dos mais extraordinários monstros naquelas ínvias e asselvajadas regiões, sujeito aos seus assaltos, dilacerado por êles, devorado!

Nessa narrativa, ocorre uma mudança abrupta em relação ao aspecto da natureza. As paisagens, os rios, as plantas, as frutas e os animais foram traduzidos em representações paradoxais. A natureza perdia o tom do edílico, do edênico e se transfigurava na representação do perigo a ser enfrentado constantemente e a qualquer momento. A variedade encantadora de peixes, como o pintado, o dourado, o pacu, transformava-se em um ambiente ameaçador e desconhecido, não civilizado e infernal. Taunay descreveu seu desagrado e repulsa com os insetos, com as matas fechadas e intransponíveis, com as chuvas torrenciais, com as enchentes e com os terrenos alagadiços, representados como "Malditas águas!", enfim, um paraíso que também era inferno (TAUNAY, 1868, p. 22). Assim, encantamento e detração misturaram-se nas suas descrições da natureza: um sertão bruto, despovoado, intocado, belo e com diversas potencialidades econômicas a serem exploradas no futuro.<sup>68</sup>

Ao descrever e reforçar as dificuldades ambientais e incidentes que enfrentava, procurava evidenciar os obstáculos à sua permanência, mais do que os desafios a serem superados. Eram elementos externos, desagradáveis, dificilmente superáveis e onde pouco poderia intervir. O risco sempre iminente de serem vitimados por ataques de animais selvagens, doenças, índios e obstáculos naturais aumentava as tensões e acabava por infernalizar a natureza e o homem mato-grossense.

As obras de Taunay também registram o processo de ocupação do território mato-grossense. A região do Baixo Paraguai, que compreendia as regiões de Miranda, Piquiri, Vacaria e Nioaque, nesse contexto, era conhecida como sertão bruto, ou seja, desabitado. O último local habitado em Nioaque era o retiro de João Pereira, "guarda avançada daquelas solidões", onde os viajantes poderiam obter suprimentos. Após, não haveria nem habitações nem indícios da presença humana, mas apenas "a vegetação virgem, tão virgem quando ahi surgiu pela vez primeira" (TAUNAY, 1930, p. 14). Taunay registrou as principais atividades econômicas desenvolvidas na região: a criação de gado e a produção de alimentos. No contexto da guerra, ele encontrou uma única plantação cultivada por um indivíduo chamado *Perdigão*. Sua moradia tinha sido destruída pelos paraguaios, porém a plantação foi preservada. Ali, foram encontrados abóboras, algodoeiros, melancias e "quimgombôs" (quiabos) (TAUNAY, 1868, p. 29-30). Nas proximidades de Aquidauana, relatou a existência de uma roça abandonada e de um pomar de laranjas, que pertenciam a Francisco Dias (TAUNAY, 1868, p. 104). Também registrou as atividades dos fazendeiros em suas propriedades:

A vida do fazendeiro é marcar, em certas épocas do anno, os bezerros, costear o gado, de quando em quando, e negociar com elle.  
Sua fazenda é uma área de terreno indeterminada, muitas vezes com 5, 10, 20 e mais legoas de extensão, tendo, em certo ponto, um rancho, coberto quase sempre de palha, raras vezes de telha, que serve de vivenda ao dono

<sup>68</sup> As discussões referentes à edenização e depreciativas da natureza foram analisadas por Holanda (2002), Souza (1986) e Novaes (1998).

d'essas gigantescas propriedades, onde caberão, á larga, dez a doze grãoducados ou principados allemães.

Ahi passará elle toda sua existencia; 50, 60 annos, sem que lhe corra pela idéa a necessidade de um melhoramento em suas terras, em sua palhoça, a fruição de um canto aprazivel, de um pomar. Raras vaccas mansas rodeão um espaço limpo só pelas patas do gado; porém dezenas de milhares de rezes percorrem as suas campinas desertas e innumerous touros mugem ao longe. (TAUNAY, 1868, p. 60-61).

Taunay também registrou a presença do sertanejo, porém este foi representado em meio à natureza, confundindo-se com ela:

A indolencia parece ter assentado sua séde em Matto-Grosso.

Existe nos campos d'aquella provincia, uma população *sui generis*, meramente entregue á criação de gado, com habitos arraigados, que a inhabilitam para qualquer outro trabalho.

No districto de Miranda, ou se é negociante ou fazendeiro. (TAUNAY, 2004, p. 217).

O escritor teve contato com várias etnias indígenas, como Guaycurú, Chané, Terena, Laiana, Quinquiná, Guaná, entre outras, durante a Guerra do Paraguai e após o término do conflito. Eram os *outros*, as alteridades, ou seja, eram incivilizados, estranhos, nunca vistos e conhecidos. Havia um esforço reflexivo e constante de chegar a um saber sobre eles que justificasse uma intervenção civilizadora. Foram valorizados, por um lado, por serem puros e simples, pelo conhecimento da natureza, pelas técnicas de equitação e adestramento, por suportarem os tormentos infligidos pelos paraguaios, pela valentia e bravura durante o conflito e pelas alianças e relações de trocas que estabeleceram com as tropas brasileiras durante a Guerra do Paraguai (ao servir de guias, ao abrir picadas nas matas, ao auxiliar na cura dos doentes, ao fornecer alimentos e ao participar das batalhas contra os paraguaios); e, por outro lado, eram selvagens, primitivos, perigosos, covardes, arredios, esquivos, dissimulados, incivilizados e “destituídos de inteligência” (TAUNAY, 1997; 1961, p. 174).

Quanto à aparência física, seriam uma estranha humanidade, ou seja, bela, feia e deformada. A nudez, a rusticidade do vestuário, as pinturas corporais comprovavam sua inferioridade, selvageria, rudeza, animalidade e barbárie. Eram vistos como remanescentes de um estágio já ultrapassado pela humanidade e, pela situação de aviltamento e ignorância em que permaneciam, condenavam a si e à sociedade ao retrocesso. Entre Taunay e as populações indígenas, existiam padrões diferentes em relação ao corpo, à nudez, à sexualidade e à vergonha. No seu olhar, influenciado pela matriz intelectual europeia do século XIX, a nudez deveria ser banida e confinada à intimidade.

As relações e os laços que uniam pais e filhos foram depreciadas e vistas como incivilizadas:

D'essa submissão resulta a verdadeira venda que se executa entre o pae de uma mulher nubil e qualquer homem que a queira para companheira ou mero passatempo: a filha sujeitar-se-á á imposição paterna, aceitando sem murmurar o esposo, que lhe apresentem ou despresando aquelle, cuja separação aconselharem. (TAUNAY, 2004, p. 220).

Sobre as mulheres indígenas, registrou que seus corpos eram disformes em virtude da prolongada amamentação:

[...] amamentam as crianças por tempo indeterminado: vimos rapazotes de seis a sete annos, que vinham correndo suspender-se aos seios de suas complacentes mães.

Esta pratica faz com que, com a maternidade, fiquem as mulheres completamente estragadas: os seios, com a prolongada pressão, pendem-lhes ao longo do corpo, o qual também, pelo habito de carregarem as crianças cavalgando n'um dos quadris, fica arqueado e desengraçado. (TAUNAY, 2004, p. 220).

Outras descrições permitem-nos pensar o quão Taunay olhava esse “sertão distante, longínquo”, com o olhar do expedicionário-viajante-estrangeiro: “O casamento é cerimonia pouco usual [...]”; “por dinheiro obtem-se mulher [...]”; “o genio dos indios do districto, em que o ciume é sentimento quasi desconhecido [...]”; “aos 10 annos, mal apontam os seios, ainda não nubil, é a noiva entregue ao futuro marido [...]”; “esse habito de entregarem meninas e homens é geral [...]”; “as mulheres envelhecem com extrema rapidez [...]” (TAUNAY, 1868, p. 123-124).

Entretanto, mesmo sendo severo em relação à “aparência” do ponto de vista estético, Taunay se apaixonou por uma índia, da etnia Choronó (Guaná) e Chané. Assim a descreveu: “[...] Antonia, [era] filha de pae quinquináo e mãe guaná, que soube ser verdadeiro typo de belleza pela venustade de rosto, delicado da epiderme e elegancia de corpo, tinha summa graciosidade e donaire” (TAUNAY, 2004, p. 269).

Era Antônia uma bela rapariga da tribo *chooronó* (guaná propriamente dita) e da nação *chané*.

Muito bem feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de quinze para dezesseis anos de idade, tinha rosto oval, cutis fina, tez mais morena desmaiada do que acaboclada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes, bôca bonita ornada de dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos, mas um tanto ásperos.

Sobremaneira elegante de porte, costumava trajar, com certo donaire, vestidinhos de chita francesa, quando não se enrolava à moda dos seus numa *julata* que a cobria tôda até aos seios. (TAUNAY, 2004, p. 269).

Antonia estava prometida em casamento ao Tenente Lili e Taunay não mediu esforços para “tomar para si” a bela índia, a beleza selvagem, como foi registrado em suas *Memórias*:

E tão sedutora me pareceu que fiquei tolhido de surpresa e admiração e de súbito inflamado, achando-a muito, mas muito acima de quanta descrição me havia sido feita, até pela própria bôca do Lili, que se gabara, a mim, da formatura da amante.

Sabendo logo que essa gente pousaria perto, por causa da noite, chamei o sargente Salvador, já então meu *factotum*, e despachei-o a indagar quais os meios que poderiam impedir Miguel Ângelo (assim se chamava o pai) e a família que continuarem a viagem, mudando de intenções em relação ao Lili. Verdadeiro rapto esbocei. (TAUNAY, 2004, p. 269).

Para realizar a negociação, o pai de Antonia fez inúmeras exigências financeiras a Taunay, além de esclarecer que teria de obter o pleno consentimento da filha:

A primeira conferência entre meu embaixador e o índio foi infrutífera, fazendo êste grande alarde não só do cavalheirismo e bondade do tenente, como da amizade que lhe dedicava a rapariga.

Voltando o Salvador à carga, patentearam-se mais algumas disposições no sentido de qualquer acôrdo. Entretanto, as exigências por parte do chefe da família não eram pequenas – um saco de feijão, outro de milho, dois alqueires

de arroz, uma vaca para corte e um boi montaria – o que tudo importava, naquelas alturas e pelos preços correntes, nuns cento e vinte mil réis. Além disto, pleno consentimento da Antônia, que não se mostrava assim, sem mais nem menos disposta, a deixar o Lili que a esperava impaciente. (TAUNAY, 2004, p. 270).

Mas, encantado pela “bela índia”, Taunay aceitou as exigências de Antonia e do pai da moça, que foram consideradas exorbitantes. Por fim, incluiu nas negociações um colar de contas de ouro, conquistando a mão da pretendida:

Já noite fechada, fui ter com Miguel Ângelo para lhe significar que tudo aceitava, embora o meu intermediário se mostrasse positivamente indignado com semelhantes exorbitâncias. ‘Tôdas as índias juntas, objetava, e mais algumas brancas por cima, não valem todo êsse *despotismo* de cobreira!’ A fim de vencer a relutância de Antônia, levava-lhe eu um colar de contas de ouro, que, em Uberaba, me havia custado quarenta ou cinqüenta mil réis. Foi argumento irresistível! Assim mesmo ela, ainda que tôda embelezada do apetecido ornato, adiou para o dia seguinte o sim, mas pediu para ficar desde logo com o fascinador colar. Acedi de bom grado; mas o salvador se mostrou inflexível, tirando-lho das mãos: ‘Amanhã, amanhã, disse piscando um olho; conheço bem estas senhoras e as lograções que sabem pregar’. Vinte e quatro horas depois, todos os compromissos estavam saldados a contento das partes interessantes [...]. (TAUNAY, 2004, p. 270).

Em seus relatos, Taunay descreveu os momentos de convivência com Antonia na região dos Morros. Entretanto, esse “amor” foi interrompido quando se viu obrigado a retornar ao Rio de Janeiro.

As representações sobre as populações mato-grossenses eram carregadas de juízos de valor, de concepções das teorias raciais, de um homem que vivia na corte imperial e que tinha como referência o modelo civilizatório europeu. Pelo isolamento geográfico e cultural, eram consideradas incivilizadas, bárbaras, rústicas, resignadas, incultas, apáticas, indolentes, violentas, sem espírito empreendedor, supersticiosas, infensas às normas, à ordem e às leis, desprovidas de ambições, de iniciativas, de capacidades intelectuais e de aptidão à vida religiosa.<sup>69</sup> Seriam mais próximas à natureza do que à humanidade. Sua robustez física foi atribuída ao seu caráter pré-humano e à degenerescência gerada pela miscigenação. Sua ingenuidade aproximava-as das crianças, loucos, índios e dementes. Outras vezes, as retratava como tendo uma existência infantil e selvagem, pois prisioneiras de valores culturais do período colonial. Selvagens, evocavam um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana. Enfim, viviam num mundo restrito e isolado, reflexo da natureza hostil e da degeneração racial.

## Os olhares de Taunay

Taunay sempre procurou aproximar-se daquilo que buscava compreender. Era um eterno questionador e curioso de tudo. Preocupou-se em compreender os modos de vida, bem como suas razões de ser, que foram representados como singulares, algo nunca visto e conhecido.

Olhar sugere uma reflexão, um diálogo constante com as referências culturais do observador e sua visão de mundo. Essas, diante do novo, podem ser negociadas, revistas, negadas ou reiteradas. Diante das diferenças, o universo cultural conhecido poderia ser

<sup>69</sup> Sobre o modelo civilizatório europeu, consultar Schwarcz (1993). Sobre a recusa em aceitar os mato-grossenses à vida religiosa, consultar Marin (2009).

reafirmado, colocando-se como central, ou seja, como o mundo da cultura e da civilização. A natureza, a população mato-grossense, a economia, as relações do homem com o meio ambiente e a sociedade tornaram-se objetos de observação, reflexão e classificação. Esses esforços objetivavam ordenar o mundo, esquadrihá-lo, classificá-lo, hierarquizá-lo, dominá-lo e remodelá-lo.

Assim, os relatos de Taunay tematizam a incomunicabilidade, a aridez, o desamparo, a rarefação demográfica, a reduzida produção de alimentos e preconizam as separações irreconciliáveis entre centro e periferia, civilização e barbárie, campo e cidade, progresso e civilização.

Seus escritos traziam imanentes as apropriações do território e do outro, ou seja, estratégias de poderes e saberes, de domínio, de controle e classificações, de inclusões e exclusões. Os encontros e desencontros etnográficos foram marcados por conflitos, por diálogos, pela negação da diferença e por negociações culturais. Seu olhar era ambíguo, ao mesmo tempo estrangeiro e familiar. Ao fazê-lo, por meio da intervenção modificadora e transculturadora, a região também recebeu modificações no seu caráter original ao incorporar essas representações à sua identidade, como, por exemplo, a de *fronteira-sertão*.

As representações de Taunay foram o resultado de vivências em terras mato-grossenses, que se tornaram objeto de observação, estudo e análise, pois o conviver é pautado no observar. Em suas narrativas culturais, a alteridade e as exclusões foram levadas ao extremo, colocando à distância o *outro*, com o fim de distinguir-se dele e fazer-se mais crível. Intolerante, não cessou de fabricar os outros e de deslegitimá-los. Mato Grosso seria outro *locus*, ermo, *fronteira-sertão*, onde o ser humano era colocado à prova. Ao mesmo tempo em que se autorrepresentava como próximo de Mato Grosso e dos mato-grossenses, conservava-se distante, excitando os processos geradores da alteridade e aprofundando as diferenças, pois se orgulhava de pertencer à civilização.

Por outro lado, ao percorrer Mato Grosso, emergiam os interstícios – as sobreposições e os deslocamentos dos domínios da diferença. Em situações de *deslocamento*, não ocorre “uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou ‘inerentes’ de transformação”. Diante de cada situação, a ambivalência e os antagonismos acompanharam “[...] cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a diferença do outro revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação” (BHABHA, 1998, p. 74-75).

Taunay enamorou-se da indígena Antonia e decidiu prolongar sua permanência. Durante a Guerra do Paraguai, ele também se deleitou com as belezas da natureza e das paisagens. Os adjetivos são variados: a vegetação era “bonita”, outras vezes “lindíssima”, com “ondulação sensível”, “verdejante” e com águas alvas. Refere-se Taunay (1868, p. 17):

Nosso pouso foi n'uma baixada viçosa, coberta por verdejante tapiz de bonita gramma, fronteiro a uma das cabeceiras do Taquarymirim e ao lado de bellos grupos de boritys. Lugar encantador para um espirito tranquillo, cheio de maravilhas para a imaginação de um poeta, fonte de inspirações para um adorador da natureza, não nos provocou elle mais do que o prazer do descanso, fruido depois de cançativa e morosa viagem de duas e meia legoas. [...] Da singeleza magestosa e melancolica do bority nunca se ha de fallar sobejamente. N'esse mesmo lugar, que denominámos Pouso dos Boritys.

Taunay se deliciou com as frutas silvestres e com as encontradas nos pomares de algumas propriedades. O pomar da fazenda Jardim “era cousa de pasmar aquelle formoso e basto agrupamento de grossas arvores carregadíssimas dos pomos mais sazonados e saborosos, sobretudo uns de casca fina, cujo sumo era verdadeira delícia” (TAUNAY, 1927, p. 114). O que nos permite afirmar que as representações sobre a natureza eram dicotômicas, ora eram edênicas ora eram depreciativas.

Analisar Taunay e suas obras é um desafio no mínimo desafiador. A riqueza de detalhes, a narrativa, a escrita, a poesia que caracteriza o conjunto de sua obra são capazes de encantar o desatento leitor. Porém, a grande maioria de seus escritos foi baseada em um diário de viagem, em suas anotações e naquilo que o substrato de sua memória permitiu guardar e/ou selecionar. De qualquer forma, uma leitura atenta e minuciosa permite-nos não só visualizar aspectos do cotidiano, da natureza e da vida privada daquele contexto histórico, como também desvendar a partir de quais referenciais e de qual “lugar social” essas representações foram construídas e constituídas sobre a província de Mato Grosso.

## Referências

ALAMBERT, Francisco. **Civilização e barbárie, história e cultura**. Representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1999. Tese. (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BALZAN, Elisa Maria. **A criação da diferença na obra A Retirada da Laguna de Visconde de Taunay**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRAZIL, Maria do Carmo. **Rio Paraguai o ‘mar interno’ brasileiro**. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CAMPOS, Marcia. **As mulheres indígenas no imaginário dos viajantes: Mato Grosso (1834-1889)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Taunay viajante e a construção da imagética de Mato Grosso**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Paisagem e memória na literatura de/sobre Mato Grosso: um olhar sobre a obra de Alfredo Taunay. **Revista Eletrônica do GELCO**, v. 1, p. 649-658, 2008a.

\_\_\_\_\_. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 46, p. 217-240, fev. 2008b.

\_\_\_\_\_. Mato Grosso na literatura brasileira: imagem, memória e viagem. **Polifonia** (UFMT), v. 1, p. 83-92, 2009.

\_\_\_\_\_. Paisagem e memória na ficção do Visconde de Taunay. **Revista Alere**, v. 2, p. 27-35, set., 2009.

\_\_\_\_\_. **Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso**. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2013.

- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, Campinas, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v. 1.
- GALETTI, Lyliá da Silva Guedes. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. 2000. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **Memória e história**. Campinas: Unicamp, 1990. 423- 483.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 6. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- MARIN, Jérri Roberto. **A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia**: o acontecer e desacontecer da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2009.
- MEDEIROS, Sergio. **A Retirada da Laguna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- NOVAES, Adauto (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Ed. da UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <[http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 1 dez. 2016.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. A literatura comparada no extremo oeste do Brasil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Ciclos de literatura comparada**. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2000. p. 11-21.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870/1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Gislei Martins de. **Incursões de fronteira**: as contradições da modernização brasileira no sertão mato-grossense segundo o Visconde de Taunay. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, 2011.

SOUZA, Laura de Mello. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SQUINELO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai ontem e hoje**: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003). Campo Grande-MS: Ed. da UFMS, 2015.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle Taunay. **Campanha de Matto Grosso**. Scenas de Viagem. 2. ed. Il. São Paulo: Livraria do Globo; Irmãos Marrano Editores, 1923a.

\_\_\_\_\_. **Reminiscencias**. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1923b.

\_\_\_\_\_. **Dias de guerra e de sertão**. 3. ed. Il. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1927.

\_\_\_\_\_. **Marcha das forças**. Expedição de Matto Grosso (1865-1866). Do Rio de Janeiro ao Coxim. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1928.

\_\_\_\_\_. **Visões do sertão**. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1928.

\_\_\_\_\_. **Em Mato Grosso invadido** (1866-1867). São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; Cayeiras: Rio de Janeiro, 1929.

\_\_\_\_\_. **Céus e terras do Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

\_\_\_\_\_. **Cartas da Campanha de Matto Grosso** (1865-1866). Rio de Janeiro: Edição da Biblioteca Militar, 1944.

\_\_\_\_\_. **História das bandeiras paulistas**. São Paulo: Melhoramentos, 1961. Tomo II.

\_\_\_\_\_. **Inocência**. 34. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

\_\_\_\_\_. **Scenas de Viagem**: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda. Rio de Janeiro: Tipografia Americana, 1868.

\_\_\_\_\_. **A Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai. Tradução e Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Retratos do Brasil).

\_\_\_\_\_. **Memórias**. Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2004.

Recebido em janeiro de 2017.  
Aprovado em janeiro de 2018.